

## **Quando a notícia tem sexo: uma análise das editorias Delas e Deles do portal IG<sup>1</sup>**

Gabriela da Silva FIGUEIRÔA<sup>2</sup>  
Margarete Almeida NEPOMUCENO<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar os comportamentos, desejos e vontades impostos pela sociedade aos homens e as mulheres. Mais precisamente, busca compreender de que maneira estes enquadramentos que influenciam determinados padrões acontecem a partir da análise das editorias Delas e Deles, do portal IG. Baseados nos estudos de gênero que dizem que as identidades dos sujeitos são formadas através de uma construção social e cultural, podemos dizer que estas representações sociais impostas aos homens e mulheres não são algo natural, mas sim, consequências de uma construção de papéis sociais desses sujeitos. No caso do objeto aqui analisado, foram constatados que o portal IG, através das editorias Delas e Deles, dissemina a naturalização dessa construção nos papéis de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; papéis de gênero; representações sociais; comunicação.

### **NOTÍCIAS DELES E DELAS?**

O Internet Group ou IG, como é mais conhecido, é um portal brasileiro de informação jornalística que trata de assuntos diversos e abriga sites e editorias muito importantes. Os consumidores de informação encontram no portal notícias e discussões sobre economia, esportes, entretenimento e comportamento. Na editoria *Comportamentos* existem duas páginas exclusivas para discutir assuntos relacionados ao mundo dito do feminino e do masculino, que são chamadas de Delas e Deles.

A editoria Delas é feita para as leitoras e por isso a linha editorial procura abordar todos os temas que se supõe ser de interesses exclusivos das mulheres. Na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Graduanda do 7º período do Curso de Jornalismo da UFPB e pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia (GEM-UFPB), email: [gabisfigueiroa@hotmail.com](mailto:gabisfigueiroa@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia da UFPB (GEM), email: [margaretea@gmail.com](mailto:margaretea@gmail.com)

página, há subdivisões de editorias por assuntos como: Amor e Sexo, Alimentação e Bem-Estar, Estilo (subdivido em beleza, moda e noivas), Casa, Filhos, Horóscopo e Mais Sites (estes com uma lista de indicação de sites sobre moda, maternidade, crianças, animais). O layout da página é todo em cor lilás, que mais uma vez, induz a “cor das mulheres”. Nessa editoria é possível encontrar a presença de muitas imagens e publicidades associadas ao consumo feminino, como produtos de moda e beleza.

Já a página Deles, as editoriais principais são: Sexo, Carros, Esporte, Ensaio Sensuais, Mundo Masculino, Turismo e Mais Sites (estes com indicações de páginas sobre dicas da cidade e El Hombre). O layout da página é cinza e marrom, com muitas imagens e publicidades, estas diretamente associadas a sexo e tecnologia.

As diferenças entre as duas páginas podem ser explicadas pelas construções culturais de como se fabricam as identidades de gênero. Além disso, mostram como a mídia e o jornalismo continuam a ajudar a criar ideias, a partir de tecnologias específicas, padrões normativos acerca dos gêneros, ou seja, de manter como fixo a ideia do que é dito ser do território do feminino e do masculino.

As duas páginas constroem atribuições de espaços e papéis sociais para uma concepção única do que é ser homem e mulher na sociedade e de como esta divisão têm contribuído para reforçar valores e discursos patriarcais, machistas e sexistas. A mídia acaba tendo um papel importante nesta naturalização, visto que dissemina a ideia de espaços e interesses diferentes entre os gêneros através da publicação de conteúdos em seus meios. Como é o caso do portal IG, que possui essas duas editorias, uma destinada a elas e outra destinada a eles, divisão que por si já denota uma clara divisão entre as identidades e suas performances, cada qual com temas, interesses e cores distintas.

Este artigo pretende discutir a construção e naturalização desses papéis. Para isto, foram analisados durante uma semana (outubro de 2016), os assuntos publicados nas páginas Delas e Deles, do portal. O objetivo da análise aqui proposta é mostrar que, as temáticas encontradas nas editorias confirmam a existência de atribuições distintas aos homens e as mulheres, o que implica na disseminação dessas construções de papéis, através da mídia.

---

## HERANÇA CULTURAL

Pensar na produção discursiva destas editoriais e do que se determina ser interesse “Deles” e “Delas” é refletir que estas atribuições acontecem porque desde o nascimento os sujeitos são obrigados a seguirem determinados comportamentos dos padrões fixos de gênero para que possam ser reconhecidos e respeitados diante da sociedade. A pesquisadora e escritora Guacira Lopes Louro (2013) foi uma das pioneiras a questionar a maneira que a construção social dos gêneros acontece.

De acordo com ela, desde muito cedo são escolhidas normas que devem ser trilhadas para determinar qual a postura social dos homens e mulheres e por isto, existem performances específicas para o masculino, como força, aventura, razão e performances específicas para feminino, intuição, cuidado, emoção. São chamados de dispositivos sociais que impõe regras corporais, físicas e emocionais para o exercício dos gêneros, que devem ser opostos e fixos, determinando assim seus papéis e performances sociais nos trabalhos, nos desejos, nas cores, nos afetos e nos objetivos de vida.

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo (...) A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminilização com o qual o sujeito se compromete. Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um “corpo que importa”, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura (LOURO, 2013, p.15-16)

De acordo com Lara, Rangel, Moura, Barioni e Malaquias (2016), os seres humanos são divididos em duas categorias, os machos e as fêmeas, e as questões biológicas acabam determinando os comportamentos desses sujeitos, que ficam limitados em suas escolhas, desejos e vontades.

As imposições da sociedade sobre os corpos obrigam os sujeitos a seguirem uma ordem já prevista, ou seja, seguirem os caminhos já trilhados por seus pais desde o momento em que seu sexo é revelado. A criança do gênero feminino, por exemplo, quando nasce tem que usar roupinhas rosa, ser delicada, amável, brincar com bonecas e

cozinhas e tem por obrigação se guardar para seu marido, ou seja, desejo ou sexualidade reprimidos.

Já a criança do gênero masculino usa roupinhas azuis, não pode demonstrar sentimentos, brinca com carrinho e jogos de lógica e é tido como o “pegador”, a que é estimulado à vivência precoce da sexualidade. Os processos que conduzem a essas situações são justificados pelas qualidades e traços de temperamentos distintos entre homens e mulheres, mediante as diferenças biológicas entre os gêneros. É importante ressaltar que para o gênero feminino, essas imposições de comportamento ultrapassam a construção de papéis, atingindo o próprio corpo do indivíduo, como é o caso das mulheres, que tem seus corpos marcados assim que nascem.

Com base nessa diferença anatômica, criamos duas categorias sociais: homem e mulher. A cada uma atribuímos um repertório simbólico artificial e arbitrário. As mulheres têm seu quarto pintado de rosa, seu corpo coberto por vestidinhos e *suas orelhas furadas para receber um adorno logo nos primeiros dias de vida* (grifo nosso). Já os homens têm quartos azuis, roupinha sem fru-fru e meses ou anos livres de acessórios. (LARA et al, 2016, p.18)

Por causa destas justificativas, essas normas não podem ser mudadas, pois são consideradas como comportamentos naturais. Mas não é bem assim, os papéis sociais direcionados às mulheres e aos homens são consequências de uma construção social e histórica e acaba sendo preocupante que estas distribuições desiguais são vistas como resultados das diferenças naturais e justifiquem e naturalizem as desigualdades.

A pesquisadora Joan Scott (1995) explica que as feministas norte americanas defendiam que a identidade de gênero tinha um caráter fundamentalmente social nas distinções baseadas no sexo. De acordo com ela, o termo gênero indicava uma rejeição ao determinismo biológico presentes nas diferenças sexuais. Ou seja, a construção da nossa identidade sexual não está ligada a biologia ou a diferença dos sexos, essa construção é social e cultural, variando de acordo com o momento histórico, o tempo e a classe social.

## **A INFLUÊNCIA DA MÍDIA**

A mídia acaba tendo um papel importante nesta naturalização, visto que dissemina a ideia de espaços e interesses diferentes entre os sexos através da publicação

de conteúdos em seus meios. É o caso do portal IG, que possui duas editorias, uma destinada a elas e outra destinada a eles. E esta contribuição para a desigualdade de gêneros pode ser analisada na produção de conteúdos das páginas Delas e Deles, do portal. Na editoria Deles, o portal fortalece a ideia naturalizada do homem como um sujeito viril, ativo na sociedade e na vida sexual. Nas normas impostas aos sujeitos, aos homens são oferecidas as liberdades mundanas, a conquista dos mercados, a independência financeira e a liberdade de viver sua sexualidade.

Nas matérias publicadas na editoria, é possível constatar que as maiorias dos conteúdos estão relacionadas ao sexo, a cerveja e a economia. Das últimas 20 publicações na página, 10 estão ligadas a sexualidade dos homens, 3 ligadas a cerveja e o restante a diversão e economia. Este cenário na publicação dos conteúdos confirma o papel que a mídia tem em disseminar esse discurso que coloca o homem como um sujeito do espaço público.

Uma das matérias publicadas na página traz o título “Homem trai a mulher mais de 23 vezes e explica o motivo”, o texto vem explicando que ele era casado há 20 anos, mas já traiu sua esposa com mais de 23 mulheres. Isso porque ele é viciado em sexo. O conteúdo da notícia reafirma mais uma vez as características impostas aos homens pela sociedade, ele como um homem viril e ativo sexualmente não podia ficar sem sexo e já que precisava ficar fora por um tempo enquanto fazia um curso – sua mulher ficava em casa cuidando dos filhos – precisava de outras mulheres para saciar sua necessidade de sexo.

O discurso do portal reproduz a ideia que não é coisa do outro mundo traír a esposa mais de 23 vezes, afinal ele é homem e precisa de sexo, ou seja, o discurso biológico como resultado do comportamento cultural machista da nossa sociedade. Outras matérias que tratam sobre sexo mostram dicas, visões de sexólogas, tratam do assunto abertamente e sem relacionar com o amor.



Figura 1: Matéria na página Deles sobre sexo.

Já na editoria Delas, os conteúdos são totalmente diferentes, induzindo o lugar biológico do cuidado da casa, da família e do mundo das emoções. Os assuntos mais publicados estão mais ligados à maternidade, a beleza, ao corpo, quando trata de sexo é relacionando com o amor. Os discursos das matérias mostram que para as mulheres está reservado apenas o mundo privado, a criação dos filhos, o cuidado consigo relacionado a manutenção do casamento, a moral da castidade e a tarefa da reprodução. As distribuições domésticas, o dever de ser bela, recatada e do lar acaba sendo fortalecido com a disseminação deste discurso.

Das últimas 20 notícias publicadas, seis trazem conteúdos relacionados à maternidade, sete falam sobre beleza e o corpo, e apenas uma trata sobre sexo. Diferentemente da abordagem feita na editoria Deles, quando o assunto fala sobre sexo, a forma que é feito isso é totalmente diferente. Na matéria “Pessoas mais altruístas fazem mais sexo, segundo pesquisa” o enfoque dado não tem nenhuma relação ao que é feito para os homens, o texto fala sobre uma pesquisa e fala de sexo de uma forma mais leve e romantizada. Esta diferença da abordagem fortalece o discurso sobre o dever da mulher de ser casta e se guardar para o marido.



Figura 2: Matéria na página Delas sobre sexo.

Se na editoria Deles o tema sexo é tratado inúmeras vezes e de forma mais incisiva, na editoria Delas, o tema é tratado pouquíssimas vezes e de maneira romântica. Esta forma de produzir conteúdo feito pelo portal nos mostra como a mídia reforça diariamente as atribuições de espaços sociais para os gênero. Se para os homens o espaço destinado é o público, com total liberdade para a vida sexual, para as mulheres, o espaço privado é sua única alternativa. A elas, resta apenas cuidar dos filhos, da sua beleza e não viver sua sexualidade.

[É] como se a feminilidade se medisse pela arte de “se fazer pequena” (...) mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco invisível (do qual o véu não é mais do que manifestação visível) limitando o território deixado aos movimentos e deslocamentos do corpo – enquanto homens tomam maior lugar com seu corpo, sobretudo em lugares públicos. Essa espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurado por suas roupas (o que é algo mais evidente ainda em épocas antigas) Ibidem apud Lara et al (2016, p.25)

Os marcadores sociais impostos ao gênero feminino e ao masculino determinam os espaços que cada um deve ocupar, às mulheres cabem o espaço público, o lar, Já aos homens, cabem as liberdades mundanas, o espaço público, a política, os postos de trabalho de alto escalão. Esta forma de ocupar os espaços está:

Ligada a alguns ideais abstratos de gênero, como a delicadeza feminina e a robustez masculina. Uma mulher delicada e elegante não deve ocupar muito espaço nem chamar atenção, já um homem másculo e forte deve dominar o território. (LARA et al, 2016, p.25).

Estes marcadores sociais além de criar diferenças nos comportamentos e espaços entre homens e mulheres, eles propagam status diferentes entre os dois. As diversas instâncias sociais são responsáveis pelas legitimações das regras impostas aos corpos femininos e masculinos. Os produtos midiáticos, como o portal IG, são algumas dessas instancias na disseminação dessas performances que colocam os sujeitos como "corretos", a partir das percepções da sociedade. Guacira Lopes Louro (2008) explica como essas instâncias controlam, através de regras, os lugares impostos a mulher e ao homem na sociedade.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias

importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? (...) Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais (LOURO, 2008, p.08)

Outro ponto importante para ser analisado é a questão dos tópicos fixos. Ao entrar nas páginas, o leitor consegue identificar, logo no início, subeditorias, que são colocadas, novamente, de maneira distinta para eles e elas. Quando entramos na página Delas, encontramos tópicos sobre Amor e Sexo, Beleza, Moda, Comportamento, Bem-estar, Filhos, Horóscopo, IG Teen, Receitas e Mais Sites. Mais uma vez é possível perceber o portal reforçando os papéis sociais destinados às mulheres. É obrigação delas as informações sobre os filhos, sobre a cozinha e o bem-estar da família. Seu lugar é o privado, a vida doméstica e o dever de estar sempre arrumada e bela.

Toda discriminação costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce, algo supostamente "natural", decorrente das distinções corporais entre homens e mulheres, em especial daquelas associadas às suas diferentes capacidades reprodutivas. Em muitos cenários, a vinculação entre qualidades femininas e a capacidade de conceber filhos e dar à luz contribui para que a principal atividade atribuída às mulheres seja a maternidade, e que o espaço doméstico e familiar seja visto como se principal local de atuação. (PISCITELLI, 2009, p.118)

Ao contrário do que encontramos na página Delas, quando entramos na Deles percebemos que os tópicos são reduzidos. As subeditorias que existem são: Sexo, Carros, Esportes, Ensaio Sensual, Mundo Masculino, Turismo e Mais Sites e como é possível perceber, os assuntos destinados a eles são sempre relacionados para além do lar, é nítido que o IG reafirma o espaço público dos homens. E tudo aquilo que somos ensinados desde criança nos perseguem até o fim, os brinquedos que ganhamos na infância se torna os gostos e obrigações quando chegamos na fase adulta. A declaração



“é um menino” ou “é uma menina” vai interferir completamente nas nossas escolhas e vidas.



Figura 3: Tópicos no início da página Delas. (Amor e Sexo, Beleza, Moda, Comportamento, Bem-estar, Filhos, Horóscopo, IG teen, Receitas e Mais sites)



Figura 4: Tópicos no início da página Deles. (Home, Estilo, Sexo, Mundo Masculino, Alimentação e Bem-Estar, Carros e Mais Sites)

É necessário ainda destacar, que apenas na editoria Delas encontramos os tópicos especiais ao final da página. Nesses tópicos o discurso mais uma vez é direcionado à maternidade, a beleza e ao casamento. O discurso midiático tem um papel extremamente importante na continuidade desta construção social sobre os sexos.



Figura 5: Tópicos especiais presente apenas na página delas e sempre relacionados a família, beleza e filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, os meios de comunicação de massa, mais precisamente o produto jornalístico aqui analisado, o IG, ajuda a fomentar ideais e ideias do que vem a ser uma “mulher” e o que vem a ser um “homem”. Cores, temáticas e imagens ajudam a criar uma ideia de naturalização dos interesses desses dois públicos, tratados como binários e distintos. Este tipo de naturalização é preciso ser denunciada para que possamos entender como funcionam os mecanismos e engrenagens que ajudam a criar sujeitos legítimos, ou seja, indivíduos que importam e que são considerados corretos, daqueles abjetos, uma vez que não seguem tais padrões de enquadramento.

É necessário compreender que essas performances são consequências de uma construção social, na qual, os indivíduos são obrigados a seguirem as regras para que não sejam marginalizados pela sociedade. Essas regras são disseminadas pelas instancias sociais, como escola, trabalho, igreja, política e a mídia, que insistem em controlar e moldar os corpos dos sujeitos de acordo com o local, tempo e momentos históricos, no qual estão inseridos.

O poder que a mídia tem de reforçar as normas e julgar as pessoas que fogem das regras ainda é muito grande. É importante está sempre ligado nesses discursos, questionar e subverter todas as normas de comportamentos. Vivemos em um momento de fluidez, no qual, nossas identidades podem mudar a qualquer momento.

## REFERÊNCIAS

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma estrutura pós-estruturalista. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 2. Ed. Belo Horizonte: Antêntica, 2016.

PISCITELLI, A. et al. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009.

LARA, B. de. et al. **#MeuAmigoSecreto**: Feminismo além das redes. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.